

Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras

Mariella Silva de Oliveira
Lucia Helena Costa Paiva
José Vilton Costa
Aarão Mendes Pinto-Neto*

Resumo

O trabalho descreve o conteúdo de textos informativos sobre saúde da mulher nas principais revistas semanais brasileiras *Veja*, *Época* e *IstoÉ*, entre agosto de 2005 e julho de 2006. A amostra conteve 146 textos sobre saúde da mulher. Estes foram descritos por variáveis como tema em saúde da mulher, gênero jornalístico, presença de ilustração, fonte e região geográfica da informação. A saúde da mulher apareceu mais relacionado a aspectos reprodutivos, com predomínio de notas, textos ilustrados, fontes científicas e informações de origem internacional.

Palavras-chave: Saúde da mulher. Jornalismo científico. Comunicação de massa e mulheres. Saúde na comunicação de massa

Women's health and press: the brazilian weekly magazines coverage

Abstract

This article evaluates the content of informative texts on women's health published in weekly Brazilian news magazines: *Veja*, *Época* and *IstoÉ*, over a period of one year. A total of 146 texts on the subject of women's health were found and content was expressed as variables describing topics of women's health, the format of the report, whether it was illustrated; the source of information, and the geographical origin of the information. The most commonly reported subject was reproductive health in the format of a brief note. Most of

* Mariella Silva de Oliveira é jornalista da Política Nacional de Humanização (Ministério da Saúde), mestre pela Faculdade de Ciências Médicas (Unicamp-SP), especialista em Jornalismo científico (Labjor- Unicamp) e informação em saúde (Anis-Espanha). Este artigo é parte de sua dissertação *Saúde da mulher em revistas semanais brasileiras: conteúdo e qualidade científica*, concluída em agosto de 2008, sob orientação do médico professor da Unicamp e especialista em Jornalismo científico Dr. Aarão Mendes Pinto Neto. Dra. Lúcia Helena Costa Paiva é professora associada da Unicamp e José Vilton Costa é estatístico do departamento de tocoginecologia da Unicamp. E-mail: mariellajornalista@gmail.com .

the reports were illustrated originated from scientific sources and were of international origin.

Keywords: Women's health. Scientific Journalism. Mass and women Communication. Health in mass Communication

La prensa y la salud de la mujer: el abordaje de las revistas semanales brasileñas

Resumen

La investigación describe el contenido de textos informativos sobre la salud de la mujer en las principales revistas semanales brasileñas: *Veja*, *Época* e *IstoÉ*, desde agosto de 2005 hasta julio de 2006. La investigación ha obtenido 146 textos sobre la salud de la mujer. Ellos han sido descritos por variables como el tema en la salud de la mujer, el género periodístico, la presencia de ilustración, fuente y región de la información. La salud de la mujer estuvo más relacionada con los aspectos reproductivos, con predominio de notas, textos ilustrados, fuentes científicas e informaciones de origen internacional.

Palabras claves: Salud de la mujer. Periodismo científico. Comunicación de masa e mujeres. Salud de la comunicación de masa

Introdução

Para se ter boa saúde é preciso estar bem informado (HANSEN, 2004). A literatura consultada aponta que os meios de comunicação são a principal fonte de informações para a população (RADFORD, 1997; COE, 1998) e devem noticiar os feitos em saúde de forma objetiva e verdadeira, válida e contextualizada para que possam ser compreendidos (CALVO HERNANDO, 1997). Uma boa divulgação em saúde possibilita que os cidadãos intervenham no mundo de forma consciente e não alienada (BARATA, 1990) além de diminuir os gastos públicos com a rede hospitalar (MELO, 2001). A mídia pode inclusive afetar a direção da pesquisa e desenvolvimento do país (NELKIN, 1995), pois os governantes se inteiram muito mais dos avanços em saúde por meio da imprensa que dos veículos especializados.

Ademais, a população também se interessa pelo tema, pois um estudo qualitativo sobre a percepção pública da ciência e tecnologia com 2004 pessoas, realizado em 2006, mostrou que 60% dos brasileiros entrevistados têm muito interesse por medi-

cina e saúde, 40% se informa muito sobre esses temas e para 56% os principais benefícios dos avanços científicos estão na saúde e proteção contra doenças, sendo que os jornalistas (42%) e médicos (43%) foram apontados como confiáveis para informá-los (BRASIL, 2007). Porém, as informações em saúde nem sempre têm veiculação adequada ou o devido espaço nos periódicos.

Em se tratando de saúde da mulher, as informações apresentadas ao público pela mídia também são em geral insuficientes ou de baixa qualidade (REVUELTA et al, 2003; WESTON; RUGGIERO, 1986). As mulheres vivem mais que os homens, sofrem mais enfermidades e dores e utilizam a maioria dos serviços médicos com mais frequência (AQUINO; MENEZES; AMOEDO, 1992; TRAVASSOS et al., 2002; KRAMARAE e SPENDER, 2006). Apesar desse quadro, é notório que a saúde da mulher é muitas vezes vista ainda somente sob o ponto de vista reprodutivo (TORRENS, 2002).

No Brasil, elas correspondem a mais da metade da nação (BRASIL, 2000a) e sua expectativa de vida que na primeira década do século passado era de 34,6 anos (BARROSO, 1985) atualmente chega a 75,93 anos (BRASIL, 2006). Com sua crescente entrada no mercado de trabalho as mulheres correspondem hoje a 43,10% da população economicamente ativa (BRASIL, 2000b) e demandam grande quantidade de informações sobre sua saúde. Estudos internacionais já analisaram a saúde da mulher na imprensa sob a perspectiva de temas específicos como aborto (MILLER, 1996), histerectomia (SEFCOVIC, 1996), tecnologias reprodutivas (CONDIT, 1996), mamografia (KAHL; LAWRENCE-BAUER, 1996), menopausa (KALBFLEISH; BONNELL; HARRIS, 1996) e menstruação (CHRISLER; LEVY, 1990), entre outros. Em todos, o que se percebe é que as informações divulgadas nem sempre contribuem para a boa formação sobre saúde.

Em 1997, em 28 dias de acompanhamento de seis veículos impressos brasileiros (quatro jornais e duas revistas), foram coletados 433 textos sobre saúde e encontrado que a mídia destina em média somente 8% do total dos textos para saúde da mulher. Os assuntos abordados no período foram consumo de bebidas alcoólicas, dieta, gravidez, câncer de mama, câncer de

útero, fertilidade, AIDS, celulite, hormônios e cuidados estéticos com a pele em detrimento dos problemas mais cruciais da saúde feminina (SIMÕES, 2000).

Outro estudo analisou o conteúdo em quatro meses de três revistas femininas publicadas no ano 2000, encontrando 188 textos sobre o tema e revelou que até mesmo nesse veículo específico para mulheres permanecem lacunas em temas relevantes da epidemiologia, enquanto textos sobre beleza e consumo, com pautas superficiais tem considerável espaço (BRITO, 2001).

Estudo com 2600 matérias jornalísticas sobre o tema reprodução trouxeram em 65,6% dos textos assuntos como gravidez, contracepção, clonagem/tecnologia genética enquanto que um tema relevante como a menopausa ocupou só 3,9% do noticiário (CITELI, 2002).

Essa baixa quantidade de textos referentes a esse período de vida da mulher é confirmada por outro trabalho, (com três revistas de atualidades entre os anos de 2002 e 2003), no qual se encontrou 312 textos que abordavam a saúde em geral e 52, a saúde da mulher – sendo a menopausa presente em 20 deles, com predomínio de notas e ressaltando-se o aspecto biológico do fenômeno e a terapia de reposição hormonal, construídos com marcas pejorativas para esse estágio de vida da mulher (AMARAL, 2005).

Se a imprensa nem sempre promove a saúde é preciso avaliar os textos produzidos para se melhorar o Jornalismo. Com eficiente divulgação de saúde seria possível melhorar a qualidade de vida das mulheres, além de diminuir os gastos do governo e alertar aos governantes e pesquisadores sobre os temas que merecem espaço na agenda pública.

Não se tem conhecimento de estudos que avaliem a mídia generalista brasileira em relação à saúde da mulher. Nesse sentido, este trabalho apresenta as informações veiculadas durante 12 meses consecutivos nas três principais revistas semanais de circulação nacional: *Veja*, *Época* e *IstoÉ*. Analisa a frequência com que aparece a saúde da mulher, identificando-se os temas mais recorrentes. A validade desse trabalho se reafirma quando é sabido que 57% do público leitor de revistas é constituído por mulheres (GRUPO, 2007).

Material e métodos

O presente estudo é de corte transversal. A amostra se compõe de textos sobre saúde apresentados em três revistas semanais de alcance na-

cional publicadas entre agosto de 2005 e julho de 2006, coletados em duas bibliotecas públicas e fotocopiados. Ao todo, as revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ* alcançam tiragem total de mais de 1,8 milhões de exemplares (GRUPO, 2007). A escolha por este veículo se justifica pelo fato de que a revista traz o texto contextualizado, descompromissado com o factual e que possibilita a análise das conseqüências do fato, devendo ser rica em detalhes e informações diferenciadas (LUSTOSA, 1996), além de ser veículo que mais espaço (16%) dedica a textos de saúde (EPSTEIN, 1998).

A revista *Veja* é a maior revista semanal de atualidades, a mais lida no país, com média de 1,1 milhão de exemplares. O perfil de seu leitor é feminino em sua maioria (53%), grande parte tem entre 20 e 39 anos (41%) (Editora Abril, 2006). A revista *Época*, também possui maioria de mulheres no seu público leitor (51%), 43% dele entre 18 e 34 anos e é a segunda mais vendida no país, com 433,6 mil exemplares por edição (Editora Globo, 2006). Já a revista *IstoÉ* tem 53% do público leitor formado por homens e 39% dele entre 30 e 49 anos e tiragem de 352,1 mil exemplares por edição (OLIVEIRA, 2007). Essas tiragens das revistas são mensuradas pelo Instituto Verificador de Circulação, IVC, empresa que desde a década de 60 faz auditoria na circulação das publicações nacionais e ela afiliadas.

Textos opinativos foram excluídos, pois neles é explícita a opinião do autor que, com um fundo persuasivo, busca convencer o leitor sobre sua posição em relação ao fato, constituindo o gênero jornalístico opinativo. Além disso, estudos anteriores já atestaram a pequena quantidade de textos opinativos sobre saúde na imprensa (BRITO, 2001; AMARAL, 2005; VOGT et al, 2001). Textos publicitários também foram excluídos, juntamente com os que tratavam do simples relato do estado de saúde de celebridades sem ampliar a questão para a população e os que continham palavras e expressões do campo semântico “saúde” (por exemplo, dor, cura), mas relatavam outros temas.

A coleta dos dados foi feita manualmente pela pesquisadora principal. Os textos classificados como de saúde em geral apresentavam conteúdo integrado sobre saúde feminina, masculina e infantil e os textos sobre saúde da mulher, aspectos rela-

tivos à doença, problemas de saúde e bem-estar das mulheres. Em seguida, os textos referentes à saúde da mulher foram categorizados de acordo com o assunto a que se referiam, podendo ser:

- Política, legislação e direito à saúde – campanhas governamentais de combater a hábitos e/ou comportamentos de risco que afetem a saúde da mulher em larga escala, ou para adoção de medidas preventivas e controle de epidemias femininas; reivindicações por um atendimento de saúde de qualidade, questões legais envolvendo saúde da mulher;
- Prevenção, riscos e cuidados - medidas necessárias às mulheres para evitar doenças e problemas de saúde, descrição de sintomas, e tratamento de doenças que atingem as mulheres, (excluindo-se cuidados referentes à saúde reprodutiva, classificada em outra categoria), dietas e nutrição com finalidade específica para mulheres em seus diferentes estágios de vida e necessidades, terapias alternativas em saúde da mulher;
- Saúde geral – problemas ou aspectos de saúde em geral, mas cujo texto traz a informação de prevalência maior em mulheres;
- Saúde reprodutiva – cuidados para manter o sistema genital feminino saudável, doenças que podem afetar esse sistema; gravidez, parto, pós-parto, planejamento familiar e fertilidade;
- Saúde mental – transtornos psicológicos e comportamentais em mulheres, textos sobre cérebro feminino, memória e aprendizado;
- Situações de violência, exploração e denúncia – agressão física, sexual e psicológica com a mulher, dentro ou fora de casa;
- Beleza e estética: terapias, intervenções e tratamentos relatados no texto, quando fizerem referência a melhoria do corpo feminino, problemas de saúde que afetam a aparência ou desencadeados pelo culto à beleza;
- Sexualidade – textos referentes a prazer e atividade sexual de mulheres;
- Menopausa e envelhecimento – textos que abordem os diversos aspectos desse período.

Na segunda etapa da pesquisa, os textos foram classificados segundo o gênero informativo sobre o qual foram construídos. Os gêneros jornalísticos são diferentes categorias da mensagem que apresentam estruturas e estilos distintos. Eles são a maneira com que o jornalista informa, entretém ou opina sobre determinado assunto (CAMARGO, 1998). Neste estudo, os textos informativos foram classificados como:

- Nota – relato breve de acontecimentos em processo de configuração, sobre o qual o jornalista tem poucas informações (MELO, 1985);
- Notícia – relato de uma série de fatos, a partir do mais importante ou interessante e de cada fato por seu aspecto mais importante ou interessante (LAGE, 1985);
- Reportagem – ampliação da notícia (MELO, 1985) seja através da humanização, reconstituição histórica do fato ou contextualização (MEDINA, 1978);
- Entrevista – relato que privilegia um ou mais protagonistas do fato e possibilita um contato direto com a sociedade (MELO, 1985), através de perguntas e respostas ou redação discursiva do depoimento de um entrevistado (LAGE, 1985).

Foi medida ainda a presença de recurso icônico, como fotos, imagens ou desenhos, pois ele é instrumento direto para dar a conhecer aspectos distintos da informação (CALVO HERNANDO, 1997).

Em relação à fonte que forneceu informações ao repórter, foi utilizada a seguinte classificação:

- Científica: cientistas, sociedades científicas, profissionais da saúde ligados a universidades, estudos publicados em revistas científicas, congresso etc.;
- Governamental: membros, órgãos ou institutos do poder público e que não tem como função básica a atividade de pesquisa;
- Empresarial: empresários, laboratórios farmacêuticos, centros de pesquisa privados;
- Outros: cidadãos, profissionais da saúde sem explicitar no texto sua dedicação à pesquisa, entidades, organizações não governamentais etc.;
- Mista: quando apresentava mais de uma das fontes acima citadas;
- Não identificada: quando o texto não transparecia a voz da fonte consultada.

A região geográfica de onde provinha a informação também foi descrita como sendo:

- Internacional – se proveniente de regiões além das fronteiras nacionais como América do Norte, Central, do Sul, Europa, Ásia, África e Oceania;
- Nacional – separadas de acordo com a região norte, nordeste, sul, sudeste, centro-oeste;
- Mista – quando constavam no texto informações de ambas origens;
- Não identificado – quando foi impossível distinguir a origem geográfica da informação.

Finalizando a coleta de dados, foram contabilizados os textos que faziam referência aos principais fatores de mortalidade feminina de acordo com os indicadores nacionais (BRASIL, 2006c).

Para a análise estatística, foi criado um banco de dados no Excel com todas as variáveis do estudo. Após verificação da consistência dos dados e limpeza do arquivo, eles foram transportados para o software SAS versão 9.1.3 (SAS Institute Inc., Cary, USA) no qual foi realizada a estatística utilizando-se frequência das variáveis.

Resultados

Em 987 textos sobre saúde, a saúde da mulher foi referida em 146; 14,8% do total. A revista *Época* foi a que numericamente mais espaço deu ao tema, com 55 textos, enquanto *IstoÉ* forneceu 48 textos e *Veja*, 43. O gênero notas foi o mais prevalente (45,2%), e os textos são, em sua maioria, ilustrados (87,7%). A maior parte das fontes consultadas é científica (41,1%), e quanto à região geográfica da informação, tem-se que a maioria é internacional (41,1%), predominando textos da América do Norte (55%). Quanto aos de origem nacional (38,4%), a maioria não identifica de que parte do Brasil provém a informação, (42, 9%) e 41,1% deles faz referência a região sudeste (Tabela 1).

A tabela 2, abaixo, apresenta os principais temas em saúde da mulher referidos pela mídia impressa brasileira, no período. A saúde reprodutiva ocupa a maior parte do noticiário com 26,7% e os textos vão desde a constatação sobre o comportamento do feto e conseqüências do estilo de vida materno para o bebê, dicas e dificuldades da gestação, novidades, tecnologias e literatura sobre reprodução ou anticoncepção, atendimento às gestantes no sistema público e privado, infertilidade,

Tabela 1. Textos sobre saúde da mulher na mídia impressa nacional agosto/2005-julho/2006 (n=146)

	Quantidade de textos	%
<i>Revista</i>		
Época	55	37,7
IstoÉ	48	32,9
Veja	43	29,5
<i>Gênero</i>		
Nota	66	45,2
Reportagem	43	29,5
Notícia	33	22,6
Entrevista	4	2,7
<i>Foto/Ilustração</i>		
Presente	128	87,7
Ausente	18	12,3
<i>Fonte</i>		
Científica	60	41,1
Mista	53	36,3
Outras	12	8,2
Empresa Privada	9	6,2
Governo	8	5,5
Não identificada	4	2,7
<i>Origem da informação</i>		
Internacional	60	41,1
Nacional	56	38,4
Mista	26	17,8
Não identificado	4	2,7
<i>Origem internacional</i>		
América do norte	33	55
Europa	13	21,7
Ásia, África e Oceania	9	15
Não identificado	4	6,7
Mista	1	1,7
<i>Origem nacional</i>		
Não identificado	24	42,9
Sudeste	23	41,1
Mista	3	5,4
Norte e nordeste	2	3,6
Centro oeste	2	3,6
Sul	2	3,6

novas drogas, vacinas e pesquisas, até curiosidades como a comercialização de leite materno e o fato de a menstruação acontecer cada vez mais cedo. O cuidado com o prematuro e as dificuldades na gravidez também foram parte do noticiário.

Tabela 2. Conteúdos sobre saúde da mulher nas revistas *Veja*, *Época* e *Isto É*

Temas	Quantidade de textos	%
Saúde reprodutiva	39	26,7
Prevenção, riscos e cuidados	29	19,9
Beleza e estética	17	11,6
Saúde em geral	14	9,6
Sexualidade	13	8,9
Políticas e direito à saúde	11	7,5
Saúde mental	8	5,5
Situações de violência e denúncia	8	5,5
Menopausa	7	4,8

Em seguida, estão textos sobre prevenção, riscos e cuidados, com 19,9%. A prevenção, não é o forte da mídia brasileira (BRITO, 2001), sendo tema de três notas, duas sobre câncer de mama e um sobre novidade na prevenção de queimaduras solares. Onze textos trazem à tona riscos, sintomas e tratamento de doenças que atingem as mulheres, sendo que cinco fazem referência a câncer. Um texto consiste numa reportagem com as últimas novidades em tratamentos para mulheres. Calvície, risco do uso de drogas e aplicação de injeções, predisposição a osteoporose e compulsão por compras são outros temas relatados. A imprensa brasileira mostrou em dois textos os impactos na saúde da mulher que trabalha fora de casa. Os exemplares analisados trouxeram ainda estudos que apresentam algum alimento ou dieta para as mais diferentes necessidades: amenizar a tensão pré-menstrual, aumentar a chance de ter gêmeos, prevenir câncer, doenças coronarianas e doenças cardiovasculares entre outros. Uma nota fala da constatação científica de que as mulheres comem mais ao verem os alimentos. Excetuando-se um texto, todos os outros são notas. Dois textos trazem dicas sobre atividade física para mulheres, um relata a necessidade de incentivar as mulheres na academia e outro sobre os benefícios da musculação para elas. As técnicas alternativas em saúde

também são apresentadas através de um texto sobre a troca do aleitamento materno por chás e outro sobre uma técnica para minimizar os incômodos do câncer de mama.

O assunto estética foi o terceiro mais noticiado pelas revistas analisadas e apenas dois dos 17 textos relatam os perigos a que as mulheres se submetem em nome da beleza. O restante apresentou novos produtos ou intervenções e tratamentos para melhorar a aparência.

A categoria saúde geral representa 9,6% da amostra e os temas abordados são a infertilidade feminina como doença psicossomática mais comum, uso de remédios para emagrecer, aumento das doenças de tireóide, distúrbios alimentares, compulsão por compras, hipertensão pulmonar, problemas com a libido na velhice, maior procura por estética dental, maior tendência a sentir dor e maior autonomia das mulheres na velhice.

Foram enquadrados na categoria sexualidade os textos que trouxeram pesquisas sobre o corpo feminino e a libido, descoberta de prazeres, homossexualidade e produtos que ativam o desejo feminino. Esse assunto foi alvo de 13 textos, 8,9% do total. Políticas, legislação e direito a saúde foram assunto de 7,5% da amostra, com cinco textos sobre campanhas do governo em saúde da mulher, mas destes, só uma nota refere-se ao governo brasileiro: o lançamento de uma cartilha sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Seis textos tratam da polêmica do aborto e interrupção da gestação sob a perspectiva dos direitos da mulher.

Oito textos trazem os problemas mentais das mulheres, (5,5% do total) sendo que três tratam de depressão e dois, alcoolismo. Síndrome do marido aposentado, apoio emocional a mulheres com câncer e até a atenção das mulheres ao volante também são citados. O mesmo número de textos é encontrado para o tema violência contra a mulher, sendo que em uma das revistas o tema é capa.

O assunto menos noticiado foi a menopausa e envelhecimento, com 4,8% da amostra. A reposição hormonal é tema central de um texto, outro é dedicado a mudanças do climatério, um reflete as possibilidades de ser mãe após os 40 anos (seja mãe biológica, seja mãe - avó, que cuida dos netos). Os outros quatro textos falam de cuidados para se chegar bem a maturidade,

enfocando produtos e atitudes para amenizar os efeitos do tempo na aparência e na saúde (Tabela 2).

Discussão

O objetivo do estudo foi analisar o conteúdo em saúde da mulher publicado nas revistas semanais brasileiras de generalidades. O número de textos sobre esse tema foi maior do que o encontrado em outros estudos nacionais (SIMÕES, 2000; AMARAL, 2005), porém, não significa um aumento da preocupação da mídia generalista com a saúde da mulher, pois quase a metade dos textos (45,2%) são notas, que têm como característica a superficialidade da informação. As reportagens, gênero mais adequado para se divulgar ciência (CALVO HERNANDO, 1990) por primar pela profundidade, interpretação e riqueza de detalhes vem em seguida, com 29,5%. De fato, as matérias jornalísticas têm se tornado cada vez mais curtas, comprometendo a divulgação de fatos mais complexos como a cobertura de saúde, que precisa de espaço para o seu entendimento (BUENO, 2005). Esse problema não é exclusivo das revistas de generalidades, pois nas próprias revistas femininas o espaço para a saúde da mulher é pequeno, com abordagem superficial e linguagem pouco acessível às classes populares (BRITO, 2001; AMARAL, 2005). Uma vez que o tema tem relevância social, esperava-se que fosse tratado com mais profundidade e frequência.

No que se refere aos conteúdos, a maior parte dos textos traz a saúde da mulher sob o ponto de vista da saúde reprodutiva. O próprio foco das pesquisas poderia ser uma das explicações para este fato já que os periódicos científicos em tocoginecologia trazem predomínio de temas como concepção, gravidez e parto (GANNON; STEVENS; STECKER, 1997). É uma vez que esse tema é uma das principais causas de internação no país (BRASIL, 2006b) é de se esperar que a imprensa lhe dedique mais atenção, como a imprensa internacional. Nos Estados Unidos, uma análise de conteúdo de revistas femininas na década de 70 levantou 157 exemplares entre revistas tradicionais e novas da época obtendo que 30,2% dos textos das publicações novas faziam referência a saúde reprodutiva, que ocupava 11,9% das publicações tradicionais (WESTON; RUGGIERO, 1986).

Na amostra deste estudo, a saúde da mulher também teve enfoque em saúde reprodutiva e pouco espaço para temas também relevantes,

como a menopausa, na última colocação do ranking dos textos. Em outros estudos, o tema também ocupou pouco espaço (AMARAL, 2005; GANNON; STEVENS; STECKER, 1987). Apesar de ser um processo natural, o climatério é um período onde a mulher precisa repensar vários temas que afetam a sua saúde, como a saúde do coração, força dos ossos, dieta, quantidade de exercícios, sono e inclusive a qualidade dos relacionamentos. Atualmente as mulheres passam um terço da vida após a menopausa e demandam informações referentes aos cuidados com as mudanças no organismo feminino (WINGERT; KANTROWITZ, 2006). As revistas de generalidades no período analisado pouco difundiram esse tipo de informações. Cabe ressaltar ainda que, com o aumento da idade, as mulheres ficam mais propensas a doenças como as cardiovasculares, principal fator de mortalidade feminina (BRASIL, 2006c) que é citado somente em cinco textos e de forma superficial, pois três deles são notas.

As neoplasias são mostradas de forma consoante com a epidemiologia, pois as revistas focam o câncer mais prevalente (câncer de mama) (BRASIL, 2007). Todos os textos coletados sobre o tema no período trazem informações sobre este ou outro câncer, o de colo de útero, citado associado ao lançamento da vacina contra HPV, o papilomavirus humano. O trabalho de JURBERG; MACCHIUTE (2006) trata especificamente sobre a cobertura das revistas em relação ao câncer, entre 1996 e 2004 e, por meio de análise de conteúdo, concluem que a revista *Veja* trouxe predominantemente nos temas de saúde as doenças cardiovasculares, seguido das neoplasias malignas. Segundo os autores, que analisaram também a revista *Saúde!* e a *Pesquisa Fapesp*, há pouco detalhamento dos tipos de câncer com textos mais generalistas, detalhando apenas os mais prevalentes.

Outro importante fator de mortalidade feminina, as doenças do aparelho respiratório ocupam só uma nota sobre um documento que padroniza o diagnóstico e tratamento da hipertensão pulmonar arterial, mais freqüente em mulheres e se não tratada, pode levar à morte. A nota cita três possíveis causas, os sintomas comuns e que há tratamento específico, sem detalhes. Cabe citar que esses fatores de mortalidade não são exclusividade das mulheres, e apa-

recem nas publicações como textos de saúde em geral, sendo que nos doze meses de análise foram 52 textos sobre doenças cardiovasculares, 25 sobre neoplasias e 17 sobre doenças respiratórias.

É preciso considerar ainda que a mídia tenha critérios próprios para selecionar os fatos que virarão notícia, um deles é a novidade. Uma vez que as taxas de mortalidade são relativamente estáveis quanto à causa, não tiveram números ou porcentagens novas no período analisado para que virassem notícia. Porém, a mídia tem uma responsabilidade social que deveria ir além da mudança nos números para que um fato vire notícia.

O assunto estética ocupa o terceiro lugar do ranking e isto pode ser devido ao fato de que a imagem da mulher na nossa cultura e sociedade se coloca ao lado de beleza, saúde e juventude. A estética está vinculada à sociabilidade e regula boa parte de contextos e formas sociais. Para as mulheres, a beleza é um dever cultural e atualmente, o discurso é que ela pode ser bela se quiser, basta se esforçar (comprar, consumir, imitar, malhar e até se mutilar) reproduzindo a beleza como uma questão de escolha e vontade. “De dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se quiser eu consigo)” (NOVAES; VILHENA, 2003, p.25). Claro que muitas mulheres fazem suas escolhas sem influências desse discurso, porém, ele poderia explicar a grande quantidade de referências ao tema afinal, as revistas trazem as notícias como produtos e oferta temas que são vendáveis já que, como partem de empresas de comunicação, objetivam também o lucro.

Merece destaque ainda que seis textos tratam de questões como legalização do aborto e interrupção da gestação sob a perspectiva dos direitos da mulher. Em nenhum deles se discute o aborto enquanto problema de saúde pública, os que o fazem apenas centram em aspectos de legislação, como no estudo de Millers (1996) e Melo (2001). A grande proporção de fotos denota preocupação das revistas em ajudar a compreensão do leitor além de possibilitar a explicação de questões complexas.

Outro aspecto relevante refere-se à origem dos fatos, pelo qual observou-se que nem todos os textos de saúde têm como base uma fonte só científica, encontrada em 41,1%. E de fato, as fontes em jornalismo científico não se limitam somente à ciência, já que toda história científica tem ângulos econômicos, políticos e sociais (CRESPO, 2003). A predominância de notícias internacionais pode ser fruto de um maior fluxo de produção e circulação de informação médica e sanitária nessas regiões – internacional-

mente, Estados Unidos e Europa (berço das principais revistas científicas médicas). É a preferência do global em detrimento do local, deixando assuntos domésticos sem muito destaque (GREENHALGH, 2002). Outra explicação estaria no fato de as grandes revistas científicas internacionais possuírem seus próprios assessores de imprensa, que “facilitam” o trabalho dos jornalistas, pois enviam *releases* com textos já adaptados para a mídia em geral (DE SEMIR, 2001; WOLOSHIN; SHWARTZ, 2002). Nacionalmente se destaca a região sudeste, onde estão as principais universidades e centros de pesquisa e conseqüentemente tem maior produção científica, além da própria proximidade geográfica com as redações dessas revistas. Porém, uma vez que são publicações nacionais, esperava-se uma cobertura mais abrangente.

Essas observações sugerem tendências da cobertura da mídia impressa nacional e são base para outros estudos que tenham como foco a saúde nos meios de comunicação. Uma vez que este estudo centra-se somente em revistas, um próximo passo seria comparar a cobertura desse tipo de mídia com jornais impressos e também com as mídias eletrônicas, como rádio, TV e Internet.

Referências

AMARAL, Isabel Cristina G. Arruda. **Abordagem da menopausa em textos jornalísticos veiculados em revistas de atualidades**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas), Universidade Estadual de Campinas (SP).

AQUINO Estela ML; MENEZES Greice MS; AMOEDO Marúcia B. Gênero e saúde no Brasil: considerações a partir da PNAD. **Revista de saúde pública**. São Paulo: USP, v 26, n. 3, jun 1992. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101992000300011. Acesso em: 13 set. 2007.

BARATA Rita de Cássia B. Saúde e direito a informação. **Cadernos de saúde pública**. Rio de Janeiro: FioCruz, v. 6 n.4, p. 385-399, out./dez.1990.

BARROSO, Carmem. **A saúde da mulher no Brasil**. São Paulo: Nobel/ Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985. 94p.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese**. 2000a. Disponível em http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/populacao_tabela01.htm. Acesso em: 19 ago. 2007.

- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese**. 2000b. Disponível em http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/trabalho.htm. Acesso em: 19 ago. 2007.
- BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil, 2007**. Disponível em <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50877.html> . Acesso em: 17 nov. 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Indicadores de morbidade e fatores de risco. 2006 b. Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2006/d13.def> . Acesso em: 19 out. 2007.
- BRASIL. Ministério da saúde. IDB 2006. Esperança de vida ao nascer. 2006a Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2006/a11f.htm>. Acesso em: 13 set. 2007.
- BRASIL.Ministério da Saúde. IDB Brasil 2006. Mortalidade proporcional por grupos de causas. 2006c. Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2006/c04.def>. Acesso em: 19 ago. 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Temático Saúde da Mulher/Brasil. Ministério da Saúde. Painel de Indicadores do SUS 2. Brasília: OPAS, 2007.
- BRITO, Maria F. Domingos. **Saúde da mulher na imprensa feminina**. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade de São Paulo.
- BUENO, Wilson da Costa. Empurroterapia na imprensa: essa doença tem remédio? **Anais da VI Conferência Brasileira de comunicação e saúde: mídia, mediação e medicalização**. Brasília: Anvisa, 2005. p.89-104.
- CALVO HERNANDO, Manuel. **Ciencia y periodismo**. Barcelona: CEFI, 1990. 127p.
- _____. **Manual de periodismo científico**. Bosch, Barcelona, 1997. 242p.
- CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O telejornalismo e o esporte espetáculo**. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- CHRISLER Joan C, LEVY Karen B. The media construct a menstrual monster: a content analysis in the popular press. **Women & health**. Philadelphia: The Haworth Press, v. 16, n.2, p.89 – 104, 1990.
- CITELI, Maria Teresa. A reprodução humana na pauta dos jornais brasileiros (1996-2000). In: OLIVEIRA, Fátima de; GALVÃO, Jane; GREENHALGH, Laura et al. **Olhar sobre a mídia**. BH: Mazza edições, 2002. p. 184-213.

COE, Gloria A. Comunicación y promoción de la salud. **Revista Chasqui**. n. 63, 1998. Disponível em <http://chasqui.comunica.org/coe.htm> . Acesso em: 06 mar. 2007.

CONDIT, Celeste Michelle. Media bias for reproductive technologies. In: PARROT Roxanne L; CONDIT, Celeste Michelle (Ed). **Evaluating women's health messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc. 1996. p.34 –355.

CRESPO, MA. Bases heurísticas en la comunicación científica. In: VÁSQUEZ, AL; RAMIREZ, F. E. **El periodismo de fuente**. Salamanca: Servicio de Publicaciones de La Universidad Pontificia de Salamanca, 2003. p.277- 289.

DE SEMIR, V. Notícia médica: ¿impacto científico o impacto mediático? **Revista Quark**. 2001. Disponível em <http://www.prbb.org/quark/20/020044.htm>. Acesso em: 13 jun. 2007.

EDITORIA ABRIL. Estudos Marplan / EGM – AS 10 + - 9 mercados – 2006. **Veja Mídia Kit**. Disponível em http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja/perfil_leitor.shtml. Acesso em: 03 dez. 2007.

EDITORIA GLOBO. Estudos Marplan consolidado 2006 e IVC média 2006. **Mídia Kit Época**. Disponível em <http://editoraglobo.globo.com/publicedglobo.htm>. Acesso em: 3 dez. 2007.

EPSTEIN I. Comunicación y salud pública. **Revista Chasqui**. Quito: CIESPAL, n. 63, p. 40-43, 1998.

GANNON Linda, STEVENS Jill, STECKER Tracy. A content analysis of obstetrics and gynecology scholarship: implications for womens's health. **Women & health**. Philadelphia: The Haworth Press, v. 26, n.2, p.41-55, 1997.

GREENHALGH Laura. Precursores ou retardatários. In: Oliveira F, Galvão J, Greenhalgh L, Rios LF, Pazello M, Citeli MT, Corrêa S. **Olhar sobre a mídia**. BH: Mazza edições, p. 27-50, 2002.

GRUPO de Mídia São Paulo. **Mídia Dados 2007**. São Paulo: Editora Abril, 2007. 610p.

HANSEN João Henrique. **Como entender a saúde na comunicação?** São Paulo: Summus, 2004. 75p.

JURBERG Claudia, MACCHIUTE Bruno. Um olhar sobre as revistas: o caso da divulgação em câncer. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, v. 29, n. 2, p.119-132, 2006.

- KAHL Mary L, LAWRENCE-BAUER John. An analysis of discourse promoting mammography. Pain, promise and prevention. In: Parrot, Roxanne L; Condit, Celeste Michelle (Ed.). **Evaluating women's health messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc. 1996. p.307–321.
- KALBFLEISH, Pamela J; BONNELL Karen H; HARRIS Tina M. Media Portrayals of womens menstrual health issues. In: PARROT, Roxanne L; CONDIT, C.Michelle, (Ed.). **Evaluating women's health messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc. 1996. p.341–355.
- KRAMARAE, Cheri, SPENDER Dale. **Enciclopédia internacional de las mujeres**. Edición especial para el ámbito hispanohablante. Madrid: Síntesis, v. 5. 2640p.
- LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985. 64p.
- LUSTOSA, Eduardo. **O texto da notícia**. Brasília: Editora UNB, 1996. 192p.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto a venda**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1988. 188p.
- MELO, José Marques de. Comunicação em saúde: requisitos para o desenvolvimento sustentável. **PCLA**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/UMESP, v.3, n. 1, nov.-dez. 2001. Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/artigos%209-2.htm> . Acesso em: 25 set. 2007.
- _____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985. 207p.
- MILLERS, Diane Helene .A matter of consequence: abortion rhetoric and media messages. In: PARROT, Roxanne L; CONDIT, C. Michelle (Ed.). **Evaluating women's health messages: A Resource Book**.Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc, 1996. p.33-48.
- NAÇÕES UNIDAS. **Declaração do Milênio**. 2001. Disponível em <http://www.portaldovoluntario.org.br/press/uploadArquivos/117250707519.pdf> . Acesso em: 10 set. 2007.
- NELKIN, Dorothy. **Selling science: How the Press Covers Science and Technology**. New York, W. H. Freeman and Company, 1995. 217p.
- NOVAES, Joana; VILHENA, Junia. **De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra**. Interações. São Paulo: v. 8, n.15, p. 9-36, jan-jun 2003.
- OLIVEIRA, Cintia. **IstoÉ – IVC setembro07**. Perfil Novo. ppt. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mariellajornalista@gmail.com em 13 dez. 2007.

OLIVEIRA, Fátima de; GALVÃO, Jane; GREENHALGH, Laura; et al. **Olhar sobre a mídia**. BH: Mazza edições, 2002. 214p.

RADFORD, Tim. Influencia y poder de los medios de comunicación. In: PINI, P; DE SEMIR V; TURNEY, J; TUROW, J; WILKIE, T; ALTMAN, LK et al. **Medicina y medios de comunicación**. Traducción al español de una serie publicada en la revista The Lancet Barcelona: Fundación Dr. Antonio Esteve, 1997. p. 97-101.

REVUELTA Gemma, ALONSO Inma, TOMAS Sonia, et al. Género y salud en la prensa diaria. **Revista Quark**. Barcelona: UPE, n.27, p.14 – 23, 2003.

SEFCOVIC EMI. Hysterectomy. What the popular press said (1986-1992). In: PARROT Roxanne L; CONDIT, C. Michelle (Ed.). **Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc. 1996. p. 370-381.

SIMÕES, Luciana Miranda. **A saúde na imprensa brasileira**. 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade de São Paulo.

TORRENS, RMM. Impacto de las actividades de promoción de la salud en la mujer. Corrigiendo desigualdades. In: **La salud de las mujeres hacia la igualdad de género en salud**. Anais do I Congreso Nacional, Murcia, 9-10 maio 2002. Madrid: Instituto de la mujer. 293p.

TRAVASSOS Claudia, VIANCAVA Francisco, PINHEIRO Rejane, et al. Utilização dos serviços de saúde no Brasil; gênero, características familiares e condição social. **Rev Panam Salud Publica**. Washington: Opas v. 11, n.5-6, mai/jun, 2002. Disponível em http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892002000500011. Acesso em: 13 set.2007.

VOGT, Carlos A. ; MELO, José Marques ; CAMARGO, Vera Regina Toledo ; et al. C & T na mídia impressa brasileira: tendências evidenciadas na cobertura nacional do jornais diários sobre ciência & tecnologia (biênio 2000-2001). In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Produção e Circulação do Conhecimento** (Política, Ciência, Divulgação). Campinas: Pontes Editores, v.2, 2001. p.135-179.

WESTON Louise C, Ruggiero Josephine A. The popular approach to women's health issues: a content analysis of women's magazines in the

1970's. **Women & health**. Philadelphia: The Haworth Press, v. 10, n. 4, p.47-62, 1986.

WINGERT, Pat; KANTROWITZ, Barbara. **Is it Hot in Here? Or is it me?** The Complete Guide to Menopause. New York:Workman, 2006. 532p.

WOLOSHIN, Steven; SCHWARTZ, Liza M. Press releases: translating research into news. **Jama**. v. 287, n. 21, 2002 Disponível em <http://jama.ama-assn.org/cgi/reprint/287/21/2856>. Acesso em: 16 jan 2006.